

## ESTUDO SEMIÓTICO DA PAISAGEM: AS HISTÓRIAS DOS MORADORES DA PRAIA DO TITÃZINHO (FORTALEZA/CE)

**Sandra MAIA-VASCONCELOS<sup>36</sup>**

**Fábio Perdigão VASCONCELOS<sup>37</sup>**

**Maria Leidiane TAVARES<sup>38</sup>**

**Roberto Bruno Moreira REBOUÇAS<sup>39</sup>**

**Resumo:** O estudo realizado possibilitou-nos encontrar, nas histórias cotidianas de uma população, traços do conceito de paisagem abordado pela Geografia Tradicional. Tomando como referencial teórico-metodológico a semiótica peirceana, levantamos, a princípio, as histórias dos moradores da Praia do Titãzinho, em Fortaleza. Confrontadas com a história documental e oficial do lugar, as histórias contadas pelos moradores revelaram, sobretudo, a visão de mundo dos moradores e suas concepções acerca de paisagem. As coincidências dos dizeres dessas narrativas apontam para o que Lefèvre (2005) chamou de sujeito coletivo, recorrência e intersecções que constituem um grande discurso único representativo daquela população.

**Palavras-chave:** Narrativa. Semiótica. Paisagem.

***Resumen:** El estudio nos permitió encontrar, en las historias cotidianas de la población, sigue el concepto de paisaje cubierto por la Geografía tradicional. Tomando como una semiótica de Peirce teóricos y metodológicos, planteada en un principio, las historias de los vecinos de la playa Titãzinho en Fortaleza. Frente a la historia oficial documental del lugar y las historias contadas por los residentes reveladas, sobre todo, la visión del mundo de los residentes y sus concepciones del paisaje. Las coincidencias de la redacción de estos relatos apuntan a lo Lefèvre (2005) llama el sujeto colectivo, la recurrencia y las intersecciones que constituyen un gran representante sola palabra de esa población.*

**Palabras-clave:** Narrativa. Semiótica. Paisaje.

---

<sup>36</sup> Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades – UFC, Fortaleza-Ceará-Brasil, sandramaiafv@gmail.com.

<sup>37</sup> Curso de Geografia, Centro de Ciência e Tecnologia – UECE, Fortaleza-Ceará-Brasil, fabioperdigao@gamil.com.

<sup>38</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades – UFC, Fortaleza-Ceará-Brasil, leide.tavares@gmail.com.

<sup>39</sup> Companhia de Gestão de Recursos Hídricos, Fortaleza-Ceará-Brasil, rreboucas@gmail.com.

## Introdução

A observação da paisagem para um grande número de pessoas é considerada uma atividade sem importância, investida de um romantismo pouco considerado como algo sério ou científico. Em função disso, tende-se a deixar a observação da paisagem como um exercício de menor valor ou mesmo tedioso. Mas é um engano não valorizar as imagens advindas das observações cotidianas. Neste estudo, pretendemos observar a construção da paisagem na voz dos moradores de uma comunidade instalada em uma Praia da cidade de Fortaleza. A interpretação, ou a representação das imagens da Praia do Titãzinho narradas pelos moradores requer de nós, como pesquisadores, uma visão aquilatada capaz de atravessar as diversas faces linguísticas constituintes de uma palavra comum. É necessário estender um olhar mais atento para desvendar, em sua mais profunda essência, os elementos que as formam e os que são formados a partir delas. Daí por que optamos pelo olhar semiótico peirceano como condutor de nossa análise dos discursos.

Para Peirce, a atividade do signo se caracteriza por ser eminentemente evolutiva. Esta definição de signo nos conduz ao cerne das discussões desenvolvidas ao longo de anos de estudos e pesquisas, “os argumentos da fundação de seu pragmatismo, o postulado das relações lógicas existentes que se interrelacionam na entidade signo: os três elementos sîgnicos: o *representamen*, o *objeto* e o *interpretante*” (CORREIA, 2007, p.2). Em seus estudos, Santaella (1992) propõe uma análise das questões lógicas subentendidas no conceito peirceano, aprofundando o desenvolvimento das considerações de Peirce, e, por fim define o conceito de *engendramento lógico*, tomando-o como a função basilar de todo cabedal de relações existentes e dinamizadas entre os três elementos da trinomia sîgnica. Ficamos aqui com este último por entendermos que melhor servia a nossa observação do processo de linguagem com o qual trabalhamos – o relato oral.

Se tomamos a narrativa como engendramento, os relatos construtores de imagens que aqui são analisados despontam como uma estratégia utilizada pelos moradores, mesmo talvez sem a plena consciência, para retratar a sua percepção de seu lugar, diante das particularidades da formação geográfica. Podemos assim supor que o espaço é criado a partir e por intermédio da narrativa. Em nosso estudo, é precisamente a imagem – em termos semióticos - o elo entre a narrativa e a geografia. E para que a paisagem das narrativas dos moradores seja paisagem em geografia, atendemos ao conceito de paisagem encontrado na Geografia Tradicional. Isso nos leva à construção, a partir das variadas definições de Geografia, e graças à indefinição do objeto desta ciência, do conceito de

Geografia como o estudo da paisagem. Para a Geografia tradicional (COSGROVE, 1984), a análise geográfica estaria limitada aos aspectos concretos da realidade. A paisagem apresentada como objeto específico da Geografia é colocada como uma associação de dados concretos que refletem a descrição de fenômenos físicos do ambiente. Nossa perspectiva é antes a da geografia do olhar dos moradores, a apreensão da paisagem, mantendo a predominância descritiva, mas não somente se detendo na enumeração dos elementos presentes e na discussão das formas – tal como a geomorfologia. Nossa perspectiva levará em conta a relação entre os elementos e a dinâmica entre eles, apontando para um estado de funcionamento da paisagem.

A perspectiva do método morfológico apresenta, em sua origem, fundamentos oriundos da observação de elementos constituintes da forma, da função e de sua evolução, sem considerar o elemento estético, definindo-se como ciência daquilo que é objetivamente descrito, sem qualquer influência subjetiva e sem identificações plausíveis com a realidade humana. Mas foi justamente a influência humana que trouxe para a Geografia a percepção de paisagem como elemento mutável e admirável sem qualquer razão ulterior. Nesta nova Geografia é a individualidade local o que importa: o sentimento de pertencimento que evoca a presença do elemento humano. Esta perspectiva propõe, como objeto de estudo, uma unidade espacial, a região, passível de ser individualizada, em função de um caráter próprio, ou o que Gomes (1999) chamará de ‘dimensões ocultas’. A paisagem se presta como objeto de estudo tanto na Geografia Tradicional quanto em outras áreas, como na pintura (SALGUEIRO, 2001), na poesia (SANTOS, 2009) e agora na Linguística, com nossa proposta de análise das narrativas orais com base na Semiótica – mais especificamente no estudo dos signos na estrutura peirceana. Assim dizendo, o objetivo deste estudo é avaliar contrastivamente as produções narrativas orais dos moradores da Praia do Titãzinho, no bairro do Serviluz em Fortaleza, acerca das mudanças da paisagem ao longo das décadas de 1960 a 2010. Buscaremos encontrar, em suas narrativas, marcas linguísticas que expressem, ainda que implicitamente, os elementos que constituem imagetivamente a paisagem estudada; também buscaremos reconstituir as imagens a partir de suas vivências. Tudo isso levando em conta, sobretudo, que a construção das imagens não se faz pela descrição, mas pela narração e considerando o que defende Barthes, ao afirmar que é improvável se “conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem” (BARTHES, 2012, p.14).

## Metodologia

Para que possamos alcançar os objetivos propostos e reconstruir a imagem narrada, uma vez que pressupusemos que as descrições dos moradores não seriam textos de uma construção de grande riqueza de detalhes físico-geográficos, fizemos uma estrutura paralela de leituras, ora dos documentos oficiais, ora das narrativas dos moradores, ora de imagens coletadas em sites, blogs e demais fontes eletrônicas que identificaremos nas referências. Para se remontar imagetivamente a paisagem da Praia do Titãzinho - Serviluz, realizamos as seguintes etapas de procedimentos:

a) Buscamos apoio em estudos paralelos, acadêmicos ou não, que trabalhassem com documentação histórica e com imagens da evolução da paisagem.

Nesta etapa a produção tem uma evidente descrição do espaço geográfico, obtida graças a imagens orbitais e aerofotos (REBOUÇAS, 2010). Logo após o início das operações de construção do Porto do Mucuripe, na década de 1950, os primeiros impactos oriundos da sua construção já eram sentidos nas praias a sotamar e no próprio porto. Deu-se então início ao processo de acumulação de sedimentos na bacia portuária, promovendo assoreamento do local. A Praia do Titãzinho está situada no bairro do Serviluz, também denominado de Cais do Porto, no limite geográfico que estabelece a mudança de orientação da linha de costa, sendo a porção a barlar do porto de orientação SE-NO, enquanto a vertente a sotamar orienta-se de ENE-WSW, no bairro do Cais do Porto. A pesquisa deteve-se à área delimitada pelo molhe de contenção da Praia do Futuro – molhe do Titãzinho – até a Rua Ismael Pordeus e da Avenida Zezé Diogo até o limite como o Oceano Atlântico, perfazendo hoje no final da primeira década do século XXI uma área aproximada de 537.000 m<sup>2</sup> e 1.400 metros de praia como podemos ver na Figura 1.

## Localização da Área de Estudo

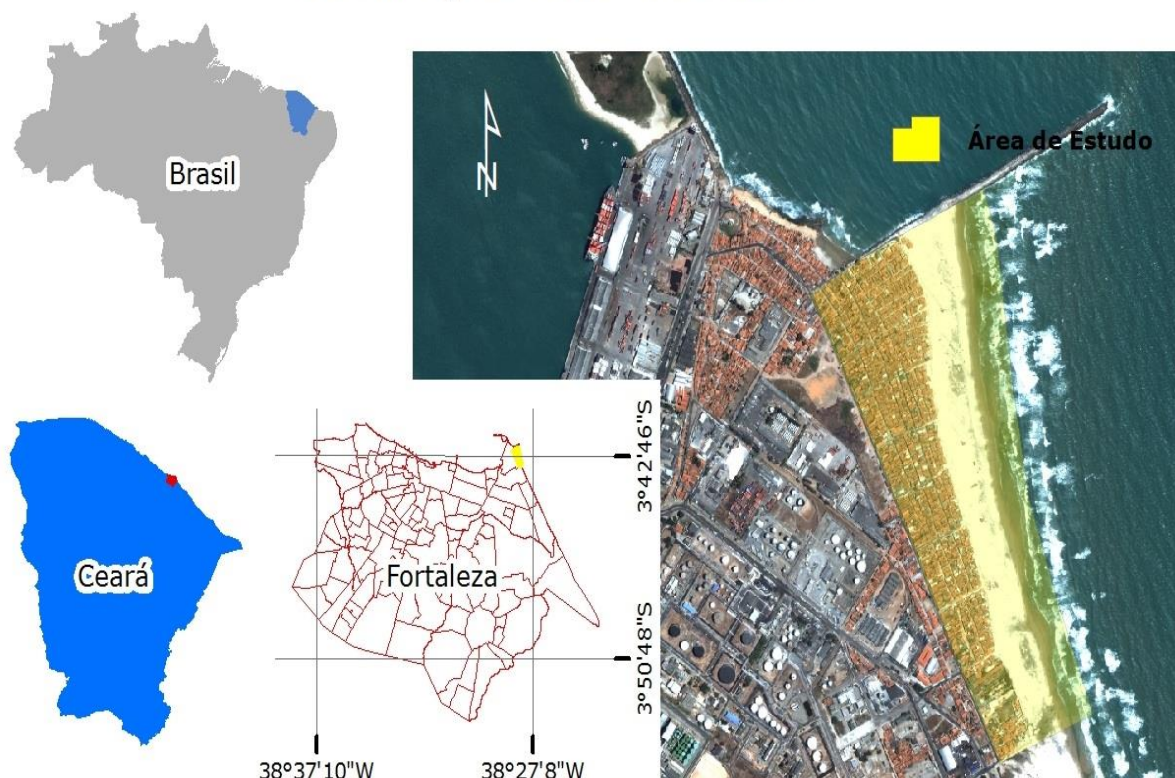


Figura 1 - Localização da Praia do Serviluz. Fonte: Imagem QB 2008, COGERH – (Compilação: Rebouças, 2010).

O somatório de vários fatores é responsável por essas mudanças que ocorreram e ocorrem no Serviluz, sejam elas antrópicas ou naturais. Silva (2001, p.180) chama a atenção para o fato de que “[...] a presença de núcleos habitacionais na zona costeira tem contribuído na intensificação das transformações paisagísticas”. Mas o maior contribuinte na construção dessa nova paisagem da orla de Fortaleza foi, sem dúvida, a instalação do Porto do Mucuripe, situado no promontório homônimo e que aqui abordamos no estudo.

b) Determinamos períodos, no tempo, para delimitar o público que seria ouvido, uma vez que nos seriam necessários moradores de idade superior a 50 anos e que morassem desde sempre no lugar;

Nesta fase contamos com um bolsista de extensão da universidade para entrevistar e gravar as conversas com 54 idosos moradores do Titãzinho, com idades compreendidas entre 54 e 92 anos, conforme mostra o quadro a seguir:

INFORMAÇÕES		
Número de pessoas	Tempo de moradia	Chegada ao local (data informada)
10	> 50 anos	Década de 1950
14	> 30 anos	Década de 1970
4	> 20 anos	Década de 1980
8	> 10 anos	Década de 1990
18	< 10 anos	Década de 2000

Do total de entrevistados, consideramos para este estudo apenas aqueles que vivem no lugar há mais de 50 anos, pois acreditamos serem os que mais poderiam detalhar as mudanças ocorridas. Levamos em conta, sem nenhuma avaliação médica, obviamente, o estado de lucidez dos entrevistados. Não foi considerada neste estudo a probabilidade de inserções criativas, e presumíveis invenções e ‘histórias de pescadores’ foram também analisadas. As histórias contadas foram tidas como relatos de experiência e não houve busca de comprovação histórica. Em Rebouças (2010) analisaram-se as histórias. Aqui visualizamos tão somente as simbolizações operadas.

c) Esquadrinhamos as possíveis fontes de imagens de domínio público ou de divulgação pública – jornais, revistas, fotos pessoais – a fim de compor o quadro imagético. Esses estudos serão apenas citados aqui, mas as imagens podem ser consultadas nos endereços eletrônicos disponibilizados em nossas referências.

Nesta fase levamos em consideração o encantamento cultural e historicamente causado pelas grandes cidades, produto eufórico de um momento eufórico, de um instante de crescimento, de formação de uma consciência de grandeza ainda sem a consciência de grupo ou de comunidade. Há neste instante da pesquisa uma atenção especial para o discurso do pertencimento e do poder do alicerçamento no local. A instalação do Porto foi um divisor de águas para a cidade de Fortaleza, por fazer surgir a Avenida Beira Mar<sup>40</sup>. Como nos contou um morador,

---

<sup>40</sup> Conf. ARAÚJO, Rachel Garcia Bastos de. **O turismo e a transformação da paisagem da Beira Mar de Fortaleza**: uma descrição memória dos pescadores locais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Universidade Estadual do Ceará, 2007.

Essa rua tinha o nome que nós chamava... era a Rua da Frente... quando foi formada a avenida Beira Mar, na década de 62-64, esse pessoal foram todos indenizados e hoje esse pessoal que moravam aqui, que ainda tão vivo, vivem na Serviluz, eles foram mudados para a Serviluz e foi a mudança mais grande que teve aqui na cidade de Fortaleza. (E1)

A possibilidade de fixação, do ganho do lugar de moradia como sinal de permanência, deu a esses moradores uma força comunitária especial que os fez construírem suas vidas ali. Consideramos também a força motriz do movimento de mudança que viria a produzir aquele tipo especial de população, de bairro e de paisagem e suas representações simbólicas nos discursos dos moradores.

Um dado importante que diz respeito à imagem concreta de que trata a Geografia, a partir da concepção moderna da Antropogeografia, é o vínculo que esta possui com a realidade político-social que circunda o universo de criação do lugar e dos lugares: a paisagem, nestes termos, perde seu caráter estático e fotográfico e passa a ser um retrato mobilizado e mobilizante dos acontecimentos sociais que fazem parte do conhecimento de mundo da população. É a partir de informações sobre acontecimentos que os sujeitos inseridos na localidade informarão sobre a paisagem, não somente física, mas, e, sobretudo, a paisagem do ponto de vista de como ele a vê. No local, o caminhar das areias deixa de ser um fenômeno da natureza e toma forma de inimigo que age pelo descaso do poder público.

d) Encontramos nas falas dos moradores, as quais mostraremos brevemente aqui ao longo das análises, o que consideramos que seria o objeto apropriado para nosso estudo da imagem como paisagem e não da paisagem como imagem. Verificamos estilo, estrutura, mensagem – conteúdo, intenção dos moradores ao relatarem a paisagem local. Por fim aplicamos uma breve especulação semiótica que complementa os estudos a que nos propusemos. Para tanto, fazemos uma aproximação com os conceitos de língua nos três planos distinguidos por Hjelmslev (2006): esquema, norma e uso.

e) A análise do sujeito coletivo:

Embora seja uma metodologia de análise e discurso, utilizamos a técnica de Análise do discurso do sujeito coletivo – ADSC apenas para a organização das falas recolhidas. A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é concebida por Lefèvre como uma estratégia metodológica que possibilita “resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos” (LEFÈVRE, 2005, p.19). O autor afirma que tal metodologia se insere na pesquisa qualitativa, pois o seu objeto de análise é produzido durante o processo de análise e composto de qualidades que

aparecem como resultado da pesquisa. Entretanto, contrariando a concepção tradicional de metodologia qualitativa, o autor afirma não fazer uma classificação categórica das palavras e expressões que representam o relato, uma vez que o discurso deixa de existir no momento em que “as categorias passam a existir no seu lugar” (LEFÈVRE, 2005, p.19). Assim, o método procura visualizar o discurso individual não como categorias - apesar de serem evocadas categorias de domínios existenciais -, mas como partes de um quebra-cabeça que formam a representação social inserida nele. Tomaremos aqui por representação social “o sistema de interpretação da realidade que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta suas condutas e comportamentos no meio social” (XAVIER, 2002, p.24). Através das falas individuais com sentidos complementares ou semelhantes sobre o tema, devemos extrair os sentidos indicados por expressões linguísticas recorrentes nos textos. A partir de então, podemos identificar os discursos manifestados por esse grupo social, identificando então um sujeito coletivo manifestado por ideologias.

A metodologia de análise do DSC, segundo Lefèvre (2005), é feita a partir de três figuras metodológicas:

1º As expressões-chave:

São expressões linguísticas que indicam a essência de um relato, ou seja, “do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento.” (LEFÈVRE, 2005, p.17). Esse resgate de expressões linguísticas possibilita ao pesquisador reconstruir as ideias centrais recorrentes nesses relatos analisados. Para tanto, utilizaremos um esquema de leitura analítica que proporemos no estudo e que se insere na análise do relato dos dependentes.

2ª Ideias Centrais

Trata-se de, após a seleção das expressões linguísticas, a descrição dos sentidos inseridos no conjunto de relatos analisados. Uma vez levantado um conjunto de Ideias Centrais, podemos chegar ao DSC.

3ª Ancoragem

Trata-se da manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ideologia utilizada pelo enunciatador para posicionar-se diante de uma dada situação específica. A ancoragem, segundo Xavier (2002), tem a ver com a identificação de posicionamentos de pertencas sociais em que “se interpretam os comportamentos, se classificam as coisas e as pessoas em uma escala de valores e nomeá-las” (XAVIER, 2002, p.14).

Como a análise parte do discurso individual para se chegar ao discurso coletivo, é necessário observar que este sujeito se constitui de um processo heterogêneo, ou seja, ele é construído a partir da



sua relação com o Outro, podendo convergir com esse Outro ou divergir dele. Assim, segundo Mariani (1998), não é compreendido aqui um sujeito totalmente onisciente do seu dizer, mas um sujeito que reflete a sua formação discursiva dialogando com o “dizer do Outro”.

Levando em consideração esse mosaico ideológico que constitui o sujeito, Pineau (2002) acrescenta que, no caso de relatos sobre história de vida, ocorre a narrativa a partir da construção de suas ações vividas em que o sujeito se diferencia desse vivido para questionar o passado, resgatando os sentidos dessas ações a partir de um ponto de vista presente. Dessa forma, o autor cria um sujeito atemporal, pois está sempre refletindo e reconstruindo o seu passado no presente.

Assim, o DSC é uma estratégia metodológica que procura, a partir da decomposição dos discursos, a seleção das ideias centrais que, por sua vez, levam a ancoragem de crenças e ideologias presentes em cada discurso individual a chegar, em conjunto, à reconstituição discursiva desse grupo social.

## **Resultados e discussão**

Ao propormos uma análise das narrativas dos moradores da Praia do Titãzinho abordamos a narrativa como uma conjunção de situações sócio-pessoais refletidas em um discurso encapsulador de ideologias, um discurso coletivo, apontado por um sujeito singular que tem suas expressões justificadas através de figurativizações ideológicas que comporão categorias necessárias para a criação desse Discurso do Sujeito Coletivo. Eis o construto de Discurso do Sujeito Coletivo dos moradores do Titãzinho que elaboramos, a partir das narrativas coletadas e consideradas sob as categorias metodológicas elencadas na seção anterior deste estudo:

*Nossa... é uma história muito da longa. Quando vim morar aqui estavam construindo o porto. Era uma bagunça de caminhões indo e vindo cheio de pedras pra construir aquele segundo paredão de pedras. Fomos morar lá na Praia Mansa, a gente morava ali sabia? Era, tinha muitas casinhas. Antes do porto acabar totalmente a sua construção. Então essa área aqui começou porque o Titã Velho (Praia Mansa) foi invadido pelas águas, e o governo com medo, a Capitania com medo de o pessoal anoitecerem vivo e num amanhecerem que o mar tava crescendo muito, tomando os paredão... pra gente atravessar nas marés grandes era um sufoco. A gente ia enxuto e voltava molhado porque o banho era certo. Maior perigo! Então, aí eles butaram o pessoal pra essa área, e foi se localizando, aumentando e duma família trazendo outra e assim sucessivamente... daí a Docas planeou o terreno, loteou para cada família 12 metros de comprimento por 6 de frente. Esses 6 metros de frente nós fazia as casas de 5 metros de casa e ficava meio metro de cada casa, pra num ficarem conjugadas... eles doaram vara, que não era de tijolo, barro, as madeiras e as telhas para cada morador. A minha casa... a gente abria o quintal lá... o portão de casa e via o mar. Depois o bairro foi*

*aumentando, aumentando e as casas aumentando também e hoje em dia o Serviluz tá do jeito que tá. Mas aqui o que mais nos incomoda são as areias. Nessa época do ano (de agosto a dezembro) é que ela nos tira o sono. A gente não consegue comer direito, a comida desce com areia e tudo. Pra comer nós temos que ir para debaixo da mesa (rindo), não é brincadeira, não. Você tem que ver isso, pode até tirar foto. Uma vez e outra eles tiram um pouco das areias com uns tratores aí. Mas eles só fazem isso quando tem casas que estão bem pertinho de serem engolidas pelas areias. É um inferno esses meses que não chove. A areia é muito fina, entra pelas telhas e invade as nossas casas.*

Escolhemos em nosso estudo trazer nas discussões dos resultados algumas figurações teóricas da Geografia acerca dos conceitos de paisagem. Georges Bertrand é dos autores que mais tem tratado sobre o conceito de paisagem neste domínio e aqui o tomaremos como alicerce, uma vez que não nos interessa aprofundar ou discutir novos conceitos geográficos, apenas retomá-los e rediscuti-los contrastivamente aos conceitos expostos pelos moradores.

Em Bertrand (2004, p.141), encontramos que o estudo da paisagem implica sempre um problema de método, vez que o conceito despediu-se da Geografia Física moderna que, diferentemente da geografia tradicional, separa epistemologicamente o conceito de paisagem de uma perspectiva geomorfológica. Bertrand vem defender que “o estudo das paisagens não pode ser realizado senão no quadro de uma geografia física global” (BERTRAND, 2004, p.141). Daí o autor levantar a importância de se ver a paisagem como um diálogo entre suas definições físicas, biológicas e antrópicas. Isso corrobora o que nomeamos aqui de movimento semiótico. Nas conversas que tivemos com os moradores, seus diálogos narrativos nos ilustraram semioses que passam além de frias descrições topográficas e cartográficas. Não nos deteremos nesse estudo à discussão teórica sobre o conceito na Geografia, até porque mesmo os especialistas não chegam a um senso em comum (BERTRAND, 1968).

As descrições presentes nas narrativas dos moradores do Titãzinho, apesar de muitas vezes dispersas por lembranças confusas e embaralhadas com suas próprias histórias, têm a imagem como elemento forte. Nossos encontros foram impulsionados e conduzidos pela mostra de imagens antigas da cidade<sup>41</sup>, do lugar onde hoje se encontra o Porto do Mucuripe e da praia. Como os encontros iniciais foram em grupo, as lembranças se tornavam mais vívidas levadas pelos relatos de uns e de outros. Os relatos nos davam a impressão, por vezes, de que cada palavra era proprietária de um conjunto de imagens que produziam nas mentes dos participantes do grupo cores, brilhos, figuras que contribuía para que ocorresse um notável – perceptível visivelmente - enriquecimento “imagético”

---

<sup>41</sup> Conf. [http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g303293-Fortaleza\\_State\\_of\\_Ceara.html](http://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotos-g303293-Fortaleza_State_of_Ceara.html) e <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1491825>.

de seus relatos. Quando reunidos para a construção do discurso coletivo, pudemos perceber uma aguçada coerência representacional das imagens. O avanço das areias não é somente um efeito natural da dinâmica costeira, mas a consequência dos barramentos construídos para proteção do Porto do Mucuripe, tal qual no-lo explica Vasconcelos (2005):

A praia aumentou a sua superfície em 493.000m<sup>2</sup> em 37 anos. A progradação da praia aumentou a superfície de deflação na zona intermaré aumentando o poder de transporte de sedimentos pelo vento em direção ao continente, para edificar dunas. Na caminhada em direção ao continente, o sedimento encontra como obstáculo as construções residenciais e comerciais situadas à beira mar que são invadidas pela areia. (VASCONCELOS, 2005, p.60-1)

Ao contrário da visão objetivista do cientista, os relatos aqui coletados deixam defluir todo o potencial que chamaríamos “artístico” de cada morador do local, como podemos observar nos relatos abaixo:

*uma vez e outra eles tiram um pouco das areias com uns tratores aí. Mas eles só fazem isso quando tem casas que estão bem pertinho de serem engolidas pelas areias. É um inferno esses meses que não chove. A areia é muito fina, entra pelas telhas e invade as nossas casas (E10).*

*Mas aqui o que mais nos incomoda são as areias. Nessa época do ano (de agosto a dezembro) é que ela nos tira o sono. A gente não consegue comer direito, a comida desce com areia e tudo. Pra comer nós temos que ir para debaixo da mesa (rindo), não é brincadeira, não. Você tem que ver isso, pode até tirar foto (E8).*

Há de se perceber uma verve poética regionalista na linguagem simples do povo; uma vivacidade de expressão que içá a representação. Cada palavra do relato dos moradores funciona como se representasse uma “imagem”, que quando combinadas formam uma unidade harmônica. Vemos que a imagem da areia funciona como um grande inimigo – aquele que ‘tira o sono’, que não deixa dormir, nem comer, mas que também inquieta, preocupa. Vemos expressões indicadoras de grande perigo, tais como ‘engolidas’, ‘inferno’, ‘invade as nossas casas’. Consideramos que a imagem contraditória de contar rindo acerca das vezes que teve de comer ‘debaixo da mesa’, enquanto diz que ‘não é brincadeira, não’ também colabora com a harmonia das expressões e o sentimento de abandono igualmente presente nos discursos. Se tradicionalmente se vê a expressão ‘debaixo da mesa’ como algo indicador do ambiente doméstico, aqui o morador, por sua experiência, inverte o sentido, traz a imagem para o panorama externo, o ‘comer embaixo da mesa’ como consequência do efeito externo da paisagem, do avanço das areias cuja causa ele, morador, nem de longe imagina qual seja. Não há em seus discursos, em nenhum momento, qualquer aproximação com o que nos mostra Vasconcelos (2005) citado anteriormente.

De fato, pelo que pudemos colher das informações, 30% dos moradores entrevistados desconhecem as causas dos problemas que enfrentam no dia-a-dia, o que chamam de “avanço” ou “invasão das areias”. Um dos entrevistados (E3) relatou a experiência de ter de sair de casa pelo telhado, quando, numa manhã, não conseguiu abrir sua porta. E rindo se disse ‘trancado por dentro’. Esse entrevistado, morador há 50 anos, conta que viu a “praia crescer” e afirma que a “doação das areias<sup>42</sup>” foi uma boa iniciativa da Prefeitura para abrandar o problema da invasão das dunas nas casas. Mas percebemos que a imagem de ‘invasão’ corrobora com a imagem dinâmica de crescimento da praia. O morador passa da descrição do problema à descrição do processo, tendo sempre em mente a imagem progressiva das areias em seu território doméstico.

A imagem do pronome “eles” na fala de E10 remete ao poder público que, de acordo com a opinião dos moradores entrevistados, é negligente com a população local. A distância de sentido que percebemos entre as imagens dinâmicas ‘praia crescer’ e ‘invasão das areias’ é proferida não sem marcas de um sentimento de pertencimento acalorado. Conquanto de um ponto de vista a invasão seja da comunidade que, instalada em lugar inadequado, impede o trânsito natural dos sedimentos, o fato de ali estar deve implicar que a natureza tenha por missão modificar seu trajeto e não lhe acarretar problemas. Isso nos induz a compreender uma arritmia na interpretação imagética, característica provavelmente da ocupação antrópica desordenada tão comum nos grandes centros urbanos.

Podemos sugerir pela análise das falas que se forma um quadro amarelecido do passado, como se um véu de esquecimento pudesse ombrear a realidade. O que chamamos hoje Titã – bairro Serviluz - não existia. A construção do Porto da cidade de Fortaleza criou-o involuntariamente. Um guindaste deu-lhe o nome. As pessoas foram deslocadas, conforme nos conta o morador no trecho a seguir:

*Nossa... é uma história muito da longa. Quando vim morar aqui estavam construindo o porto. Era uma bagunça de caminhões indo e vindo cheio de pedras pra construir aquele segundo paredão de pedras. Fumos morar lá na Praia Mansa, a gente morava ali sabia? Era, tinha muitas casinhas. Antes do porto acabar totalmente a sua construção. Então essa área aqui começou porque o Titã Velho (Praia Mansa) foi invadido pelas águas, e o governo com medo, a Capitania com medo de o pessoal anoitecerem vivo e num amanhecerem que o mar tava crescendo muito, tomando os paredão... pra gente atravessar nas marés grandes era um sufoco. A gente ia enxuto e voltava molhado porque o banho era certo. Maior perigo! Então, aí eles butaram o pessoal pra essa área, e foi se*

---

<sup>42</sup> O morador se referiu ao projeto da Prefeitura de Fortaleza de utilização do excedente de sedimentos para a construção de obras de reforma para a Copa do Mundo de 2014.

*localizando, aumentando e duma família trazendo outra e assim sucessivamente...  
(E1)*

Vemos a riqueza de detalhes que configuram os relatos e as lembranças dos moradores. Assim como tendemos a nomear arbitrariamente objetos, também nomeamos lembranças. Ao anunciar que é ‘uma história muito longa’, o morador nos dirige para um olhar perdido que nos indica realmente uma busca longínqua de sua memória. Em resenha da obra de Guimarães (1997), Leite (2000) afirma que

O que se busca na memória é uma aproximação da essência, a tradução do mundo em imagens com privilégio dos não-acontecimentos, dos vazios, dos colapsos de sentido, dos lugares desertificados, do tédio de janelas simuladas, de sonhos infantis e de anjos cegos.

A despeito da vontade – ou da negligência – política de mudar as condições de vida daquelas pessoas durante a construção do Porto e cinquenta anos depois, o que podemos perceber nos relatos se aproxima desses desertos e desses colapsos de sentido. Ao mesmo tempo em que vemos a dinâmica na mudança – construção do porto, crescimento da praia, paisagens que simbolizam o progresso, contraditoriamente se revela, em oposição à grandeza, a cidade grande que oprime e esquece as pessoas. Desse modo, ‘comer debaixo da mesa’, ‘sair de casa pelo telhado’ são circunscrições dessa paisagem local diária, não eventual, que fere a essência e a dignidade humana dessa coletividade.

Não pudemos observar nos relatos nenhum registro que não fotografasse a luta diária dessas pessoas feitas de areia. A imagem de ‘as casas engolidas pelas areias’ e paralelamente a declaração de que ‘a comida desce com areia e tudo’ recorta uma paisagem em composição com o sentimento de intranquilidade comumente presente nos habitantes do Titãzinho. Ressalta-se aqui que a imagem pode ser construída conforme o medo ou a dificuldade que o morador enfrenta em seu dia-a-dia e que é obrigado a conviver. A areia que “engole” as casas é a mesma que é “engolida” junto com a comida. A ameaça de perder a moradia torna as areias grandiosas, capazes de destruir até mesmo o seu patrimônio, enquanto para outros a areia em pequenos grãos que voam contaminam o alimento como um tempero cotidiano indesejado. Em suas duas formas a paisagem que se apresenta é a mesma, de um elemento natural invasor do corpo ou do espaço urbanizado, transformado pelo homem.

A lógica sócio-política é impenetrável independentemente de época e da região de que se esteja tratando. O que percebemos nos discursos é um escoar de imagens, como um tremor opaco que jamais se deslumbra. Sem talvez se dar conta disso e ao mesmo tempo trazendo à tona suas queixas, os moradores apresentam suas descrições, revelam suas imagens, criam suas paisagens em trânsito,

muitas vezes eivadas de um chamado à reflexão, somadas de ironia ou de escárnio, referindo-se ao poder local. Há nas falas uma cumplicidade promíscua que revela a sensação de algo perdido. Esse algo desconhecido que lhes foi sequestrado no passado e que no presente – no instante em que os incitamos a relatar suas paisagens - ainda lhes provocava sensação de carência. Algo que lhes agradava, mas que se encontra no passado junto com a cidade, que hoje só existe na memória.

### **Considerações finais**

Em seus escritos multibiográficos, Roland Barthes afirma existir entre passado e presente um saber emprestado, que podemos parafrasear como o contar, como a memória emprestada, e o vivenciar, como a memória da existência. Eis por que definimos como essencial que o conjunto de participantes deste estudo fossem moradores há mais de 50 anos no local. Há uma destacável distância entre ‘eu me lembro’ e ‘meu pai me contou’, por exemplo. Diante das memórias desenhadas nos discursos dos moradores percebemos não uma fuga da realidade, mas uma fuga para a realidade, como se as lembranças estivessem enterradas ali no cotidiano sem portas. Muitas das descrições mostram nos moradores o medo do que já acontece como rotina, o que torna a visão ao mesmo tempo mais real e mais simbólica.

Embora não nos caiba discutir questões políticas neste estudo, não podemos considerar como fatalidade os acontecimentos descritos pelos moradores da Praia do Titã. Tampouco devemos considerar com fidelidade a descrição daquela Fortaleza dos moradores com a cidade que um dia existiu e com a cidade que hoje continua se levantando. Compreendemos que o que se foi jamais retorna o mesmo. Aquela Fortaleza anterior ao Porto do Mucuripe jaz no passado e mostrá-la intacta é evento impossível de se realizar. Deste modo, compreendemos que para considerarmos a imagem narrativa como descrição da paisagem, em termos de Geografia, fizemos recurso à semiótica. Caracterizamos distintamente as imagens e em seguida, contrastiva e complementarmente, vimos os sentidos se imbricarem. As areias que engolem os homens que, por sua vez, engolem as areias é uma imagem bem presente no discurso e nos leva a perceber a paisagem como uma permeabilidade humana, um atravessamento de sentidos na díade homem-natureza.

Em um momento, o observador contempla a paisagem porque está presente; em outro momento a paisagem o contempla e o domina. A primeira imagem nasce da memória e vem ao discurso se pôr em confronto com a realidade. É uma imagem mental e logicamente em hipótese alguma é a primeira imagem. O sujeito que descreve sua paisagem cotidiana recria a imagem por

meio de sua vivência e segundo seus próprios princípios. A narrativa na conversa trabalha, deste modo, com proposições por vezes descuidadas e desencadeadas, mas plenas de significados e imagens. Nas lembranças eivadas de simbologia, acompanha-se uma direção análoga. O sujeito narrador recompõe suas próprias imagens com maior ou menor criatividade recorrendo ao seu repertório de representações e lembranças retirado de seu dicionário mental, com o auxílio do qual conseguimos recolher rastros e índices daquela paisagem que não existe mais.

## Referências

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global**. R. RA E GA, Curitiba, n. 8, p.141-152, 2004. Editora UFPR

CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. **Fundamentos da semiótica peircena (PUC-SP)** <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/doc/38.doc>. 2007.

COSGROVE, Denis. **Social formation and simbolic landscape**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998b [1984].

GOMES, Edevânia Torres Aguiar (1999). "Paisagem.Registros de conceitos a partir da geografia alemã". In: VASCONCELOS, P.e SILVA, S. M. (org.). **Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, p.121-142.

GUIMARÃES, Cesar. **Imagens da memória (entre o legível e o visível)**. Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação de Estudos Literários/Editora da UFMG, 1997.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva. 2006.

LEFRÈVE, Fernando; LEFRÈVE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**. Caxias do Sul: Educ, 2005.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Imagens da memória (entre o legível e o visível)**. Rev. Antropol., São Paulo, v. 43, n. 2, 2000 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012000000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Mar. 2013.

MARIANI, Bethania. **Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito**. Gragoatá, n. 5. 1998.

MORAES, C.R.. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: ITEC, p.12-16.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

REBOUÇAS, Roberto Bruno Moreira. **A influência portuária no modelado e reconfiguração da orla: o caso do Porto do Mucuripe e Praia do Serviluz (Fortaleza, Ceará, Brasil)**. Dissertação – Mestrado Acadêmico em Geografia. Or. Fábio Perdigão Vasconcelos. Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2010.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Finisterra, XXXVI, 72, 2001, p.37-53.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.

\_\_\_\_\_. Peirce's Semioses and the Logic of Evolution. **Signs of humanity l'homme et ses signens**. Mouton de Gruyter, 1992.

SANTOS, Wellington de Almeida. **A paisagem ideal na poesia brasileira**. 2009: Volume 5. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>>. Acesso em 13 mar 2013.

SILVA, Edson Vicente da. Desenvolvimento sustentável e meio ambiente: alternativas para o litoral do Estado do Ceará. In: RIGOTTO, Raquel Maria (org.). **As tramas da (In)sustentabilidade: trabalho, meio ambiente e saúde no Ceará**. Fortaleza: Inesp, 2001.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **Gestão Integrada da Zona Costeira: Ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral**. Fortaleza: Premius, 2005.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? **Psicologia & Sociedade**, v.14, jul/ dez. 2002.